

A ILUSTRAÇÃO NO LIVRO DE LITERATURA INFANTO-JUVENIL: UM PROJETO EM ANDAMENTO

Maria da Graça Cassano¹

1 Dos fatores determinantes para a pesquisa

O trabalho com a literatura infanto-juvenil desenvolvido na sala de aula não deve limitar-se ao texto verbal, no caso de o livro vir a ser ilustrado. As imagens não estão ali presentes como mero suporte da trama narrativa. Elas também têm sua própria narratividade, sustentada por uma materialidade que as configura como texto em si.

A essa conclusão inicial chegamos e nosso interesse pelo protagonismo da imagem junto ao texto escrito intensificaram-se, depois de vivenciarmos uma situação, a princípio comum de sala de aula, em uma antiga sexta série do Ensino Fundamental. Na ocasião, acabáramos de ouvir “Meu guri”, cantado na versão em português por Chico Buarque, e o ler. Realizávamos um exercício de interpretação, em que uma das questões solicitava aos alunos que relatassem o que acontecera com o menino, com base nos últimos versos da canção. Com exceção de um aluno apenas, os demais afirmaram que “o guri” havia morrido. O aluno em questão era o único que insistia em que o personagem continuava vivo. Relemos algumas vezes o texto para que se pudesse perceber o final trágico do “guri”, mas nada o convencia disso. Justificou que assim lhe parecia, uma vez que, na ilustração que acompanhava o texto, o menino sorria – ainda que deitado no chão.

A ilustração procurava reproduzir uma foto jornalística de uma hipotética primeira página, em que a imagem de um garoto com taja preta sobre os olhos jazia numa espécie de terreno baldio. Se havia um esboço de sorriso em seu rosto ou tratava-se simplesmente de um esgar provocado pelo sofrimento da morte violenta, não se pode afirmar. O fato é que o aluno leu o texto e o interpretou não pelo o que estava escrito, ou seja, por sua materialidade discursiva em si, mas pelo que via (ou pensava ver) na imagem e entendia dela tão somente.

¹ Centro Universitário Augusto Motta (UNISUAM) /SME-RJ

Mais recentemente, ministrando aula da disciplina Leitura e Produção de Texto em uma turma do curso de Administração, em um Centro Universitário no Rio de Janeiro, um aluno assim respondeu a seguinte questão:

Analise o diálogo entre os dois personagens abaixo. A resposta dada pelo que está sentado satisfaz ao que fez a pergunta? Justifique sua resposta.



Resposta de um aluno:

Aparentemente sim, porque ele esboça um sorriso.

Novamente aqui, nesse caso, a imagem preponderou na compreensão global do texto. A análise do escrito foi deixada de lado.

O que pode, pois, uma imagem? – pergunto-me. Muitos acorreriam ao lugar comum que afirma a imagem valer mais do que mil palavras. Não cremos nesse aforismo, até porque ela, como texto que é, pode vir a ser interpretada sem que, contudo, venha a ser de todo compreendida. Assim como a palavra ela também guarda sua opacidade. A palavra assim como a imagem não são transparentes.

Em se tratando da imagem, além disso, concordamos com Souza quando afirma que a imagem vale, sim, mil imagens.

“A palavra fala da imagem, a descreve e traduz, mas jamais revela sua matéria visual. Por isso mesmo, ‘uma imagem **não** vale mil palavras, ou outro número qualquer’. A palavra não pode ser a moeda de troca das imagens. É a visibilidade que permite a existência, a forma material da imagem e não a sua co-relação com o verbal.

“A não correlação com o verbal, porém, não descarta o fato de que a imagem pode ser lida. Propriedades como a representatividade, garantida pela referencialidade, sustentam, por um lado, a possibilidade de leitura da imagem, e, por outro, reafirmam o seu status de linguagem.” (SOUZA, 2001: 69)

Todos esses fatos aqui relatados justificam nosso interesse e a importância que passamos cada vez mais a atribuir ao papel da imagem junto ao texto escrito. Num primeiro momento, decidimos entrar em contato com ilustradores a quem fizemos a seguinte pergunta: um mesmo texto, ilustrado por diferentes artistas, poderia dar margem a leituras diferentes? Em função não necessariamente do caráter polissêmico do texto verbal em si, mas da leitura que se viesse a fazer da imagem?

Alguns enviaram-nos respostas, das quais destacamos as seguintes:

“Sim, claro. Ainda bem. Da mesma maneira que cada leitor da letra da música, ou ouvinte imagina imagens, o ilustrador, o fotógrafo, o editor da página do jornal também irá materializar as suas. Eu parto do princípio da liberdade. Acho mais rico que um aluno seu tenha achado que o guri morreu e outro que o guri não morreu. A música do Guri, e outras, vão sempre permitir que cada um a veja como pode - como quer. O ilustrador compõe uma forma para um texto pensando em várias coisas, e nem sempre todos estes conceitos são usados em conjunto. (...)”

“A ilustração pode agregar outras informações que não existem no texto. É quando a interpretação do ilustrador permite acrescentar coisas que não estavam lá, e com ela, inventar mais alguma coisa, reescrevendo o texto com as imagens. Nem todo autor gosta de ilustrador assim. (...) Acho que a imagem serve para criar também outras leituras, mas obedecem os aspectos intencionais que tentei descrever acima.”

Fabiana Egrejas (MultiRio)

“Sua questão procede sim. Um mesmo texto dá sim margem para que ilustradores o leiam diferentemente. Assim como na imagem. São as famosas entrelinhas. Acredito que o texto e a imagem passem uma leitura, digamos, que de senso comum. A maioria das pessoas lerá coisas muito semelhantes nesses textos. Mas neles existem sim brechas para outras leituras dependendo do leitor.”

Rosinha (Pernambuco)

“Acho que sim, a imagem fala também, (...) A ilustração feita para literatura ela tem outra relação com o texto, mais metafórica e com releituras do que se lê que, de fato vão sempre variar de acordo com o ilustrador. (...) Na literatura elas tendem a ser mais subjetivas pois o significado é dado, pelo sujeito que as vê.”

Salmo Dansa

Embora de certa forma os depoimentos desses profissionais da imagem confirmassem nossa hipótese inicial, não nos bastaram, e essa inquietude acabou por nos conduzir a uma pesquisa que hoje empreendemos e que se constituiu no projeto Discurso, imagem e ensino da literatura infanto-juvenil, inserido em um projeto maior, **Imagem e discurso**, coordenado pela professora Tânia Clemente de Souza, da Faculdade de Letras da UFRJ.

2 Do projeto e do andamento da pesquisa

Embora toda a reflexão sobre o papel da imagem tenha se iniciado a partir da experiência com ilustração presente em livro didático, optei por verificar a relação ilustração - texto literário. A razão para essa opção está relacionada a outras questões que se agregaram à hipótese inicial, tais quais:

- No entrelace com o texto verbal que lhe deu origem, a imagem pode ressignificá-lo, interferindo na sua compreensão?
- Um mesmo texto ilustrado diferentemente poderia encaminhar leituras distintas, pontuais ou não?
- O ilustrador encontraria campo fértil para subjetivação? Induziria ele, então, a uma leitura particular?

De modo a fundamentar nossas reflexões, elegemos a Análise do Discurso Francesa (Pêcheux, 1969) como suporte teórico, dado que a AD se propõe compreender a imagem como um discurso a ser considerado em si mesmo, sem tomá-la como um apêndice, uma extensão, uma tradução do texto escrito. A imagem, nessa perspectiva, guarda uma materialidade própria que não se traduz pela palavra escrita, como normalmente se crê.

Devido, pois, a imagem ter uma materialidade que não se confunde com a da escrita, não pretendemos descrevê-la ou explicá-la como recurso de análise. Sua materialidade pressupõe, sim, a mobilização, por parte do analista, de uma série de operadores discursivos específicos para que se possa proceder à sua compreensão, quais sejam: jogo de luz, sombra e cores; ângulos; perspectivas; referência a outras imagens, entre outros.

A leitura da imagem passa, assim, a se beneficiar de um olhar menos ingênuo, menos preso à superfície do que se pensa ser evidência dos sentidos. Daí, dizer-se que não importará tanto o que dizem, mas como fazem para dizê-lo.

E uma vez que, portanto, se sabe não ser a função da imagem, e muito menos as das ilustrações de textos literários, a de um simples complemento ou de paráfrase do que se lê nas palavras, pretende-se, portanto, aqui, verificar até que ponto podem interferir na compreensão do texto. Até que ponto podem encaminhar o leitor para uma leitura outra, não necessariamente a(s) prevista(s) pelas instâncias de fomento da leitura, entre elas a escola, particularmente. Ou seja, se é possível reconhecer nas imagens uma

discursivização peculiar, seria possível também dizer que, muita vez, apontam para sentidos não necessariamente contemplados pelo texto escrito. Autorizariam o leitor a leituras menos ortodoxas.

Dar conta de explicar como se organizam os gestos de interpretação das imagens na confluência com o texto escrito, nos leva também a constituir um dispositivo analítico em que se articulam conceitos como: discurso, condições de produção, memória, paráfrase, polissemia e deslizamento metafórico.

3 Metodologia

Confrontaremos leituras realizadas por alunos dos três ciclos do Ensino Fundamental a partir de obras de literatura infanto-juvenil que tenham sido ilustradas, em diferentes edições, por ilustradores diferentes e que, por isso, tenham sofrido mudanças em seus projetos gráficos originais. Um dos grupos lerá somente o texto escrito, sem a presença de quaisquer imagens. O que busco saber é, em que medida, a leitura da história pode ser afetada pela presença desta e não daquela ilustração.

Selecionamos algumas obras que, em diferentes edições, oferecem aos leitores novas soluções imagéticas. São elas:

1. Chapeuzinho Amarelo (F. Buarque de Holanda) – 1º Ciclo
2. O Mistério do coelho pensante (C. Lispector) – 2º Ciclo
3. O verde brilha no poço (M. Colasanti) – 3º Ciclo

Os textos serão lidos e interpretados por alunos da Escola Municipal José Veríssimo (Rio de Janeiro). De cada ciclo, sortearmos um determinado número de alunos de duas turmas: três das turmas 1 e três das últimas. Queremos não só verificar a importância da imagem para a compreensão do texto, mas também confrontar o desempenho de alunos que não só se diferenciam pela faixa etária, mas também pelo desempenho escolar, já que os das ditas últimas turmas normalmente são repetentes. Pretendemos ainda observar se tais determinantes seriam decisivas para o sucesso ou não da leitura empreendidas por eles.

4 Considerações finais muito provisórias

Nossa pesquisa se encontra na fase de aplicação dos exercícios de leitura. Após a coleta de dados, iniciaremos o processo de análise das respostas dadas por escrito e as

dadas oralmente, caso isso ocorra em algum momento nesta fase e que julgemos pertinentes para ajudar-nos a encaminhar as reflexões.

Referências

CASSANO, Maria da Graça. Imagens Jornalísticas: produção e deslizamento de sentidos”. In: Anais do 14º Congresso de Leitura do Brasil – Associação de Leitura do Brasil/ UNICAMP – 2005

_____. (In)visibilidades urbanas – a reinvenção do Largo da Carioca ao longo de quatro séculos”. In: *RUA*. Revista do Núcleo de Desenvolvimento da Criatividade da Unicamp – Nudecri. Campinas, SP, abril 2004.

SOUZA, Tânia C. C de. A análise do não verbal e os usos nos meios de comunicação. In *RUA*. Revista do Núcleo de Desenvolvimento da Criatividade da Unicamp. Unicamp 2001, nº 7. p. 69.